



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9747 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

Cinema Escoleiro e Cinema Skholeiro

Daniele de Carvalho Grazinoli - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

## CINEMA ESCOLEIRO E CINEMA SKHOLEIRO

### Resumo

Nossa pesquisa buscou compreender quando e como acontece da escola se transformar em uma locação de filmes possíveis, na qual o cinema suspende o tempo ditado pelas lógicas neoliberais e reencontra um tempo de infância. O fizemos como um exercício filosófico, a partir de uma cartografia afetiva dos arquivos da escola de cinema *Cinemento*, teorizando sobre o *Cinema Escoleiro* como uma tecnologia, cujas práticas são constituídas por táticas de saber, estratégias de poder e procedimentos discursivos e que, ao criar as condições para a instauração de um tempo de infância na escola, “devolve” a condição de infância às pessoas que se encontram em uma escola de Educação Infantil quando desorganiza a estrutura disciplinar e suspende as práticas escolarizantes, no acontecimento profano do *Cinema Skholeiro*, entendido como um contradispositivo. Desejamos montar a experiência vivida como uma ficção, para realizar uma escola como um acontecimento intempestivo e de fruição de um tempo de infância, que nos revele um *devir-escola* pelas vidas e pelas mortes captadas pelas câmeras utilizadas por bebês, crianças e adultos que nela se encontram.

Palavras-chave: Escola, Cinema e Infância

[...] tive uma ideia! Cinema na sala de movimento é CINEMENTO!  
(Carlos, estudante de 5 anos)<sup>[1]</sup>

Nossa pesquisa começou quando, imitando o menino Carlos, inventamos de nomear de *Cinema Escoleiro* e *Cinema Skholeiro* os encontros e acontecimentos de ver e fazer cinema na escola, dando sentido ao desejo de cartografar os arquivos da escola de cinema *Cinemento*, produzidos entre os anos de 2014 e 2016, com o objetivo de realizar uma pesquisa sobre os possíveis fluxos dos cinemas e das infâncias no espaço-tempo escolar.

As atividades da *Cinemento* aconteceram na então Escola de Educação Infantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEI-UFRJ)<sup>[2]</sup>, em parceria com o Grupo de Pesquisa CINEAD<sup>[3]</sup> - Cinema, Aprender e Desaprender, da Faculdade de Educação da UFRJ.

Nos interessa compreender quando e como acontece de uma escola se transformar em uma locação de filmes possíveis, na qual o cinema suspende o tempo ditado pelas lógicas neoliberais e reencontra um tempo de infância.

Jogamos luzes e sombras sobre formas que se constituem nas relações de saber-poder como um emaranhado de elementos heterogêneos, que se articulam ética, estética, poética e politicamente, tornando ou não visíveis e/ou dizíveis determinadas histórias, certos saberes e conhecimentos, e as maneiras de existir de bebês, crianças e adultos<sup>[4]</sup>. Formas com as quais podemos imaginar e realizar uma vida mais que vivível e nada fascista quando se filma um minuto do cotidiano escolar ou quando se ocupa o refeitório para exibir filmes para as cozinheiras.

O fizemos pensando a educação, a escola, a infância e o cinema com atravessamentos diversos, sob inspiração da filosofia foucaultiana e das reflexões sobre cinema e educação, estabelecendo diálogos ao longo da tese com a pedagogia, com a psicologia, com a filosofia da diferença, a filosofia da infância, com a sociologia da infância, entre outros.

As nomeações *Cinema Escoleiro* e *Cinema Skholeiro* são criações impregnadas de uma atitude brincante, diante de uma inquietação frequente que sentíamos por não sabermos como nomear as realizações que envolvem ver e fazer filmes na escola.

Essa atitude tem a ver com reconhecermos que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar (FREIRE, 2000, p. 49) nos encontros com o cinema na escola, acompanhantes das crianças nas brincadeiras de dar nomes às coisas, profanando as prováveis prerrogativas dos adultos nas disputas de saber-poder, através das quais se outorgam o poder de estabelecer as verdades a serem ditas e visibilizadas.

Acreditamos que “a importância mais radical da introdução do cinema no contexto escolar consiste em salvaguardar um espaço e um tempo para o encontro: do cinema com a infância, da criança com o adulto, e do adulto com a criança que, escondida, ainda o habita” (FRESQUET, 2013, p. 52).

Também tem a ver com um cuidado em reconhecer e pontuar que há diferenças entre algumas propostas de encontros com o cinema nas escolas. Em alguma medida, podemos identificar que as experimentações com o cinema na escola se aproximam do que Parente (2008) define como *cinema expandido*, *cinema de atração* e *cinema de exposição* (p. 52 e 53). O que há de comum nas diferentes formas de encontros com o cinema nas escolas talvez seja “a ideia de transformar o dispositivo do cinema em suas dimensões básicas (arquitetônica, tecnológica e discursiva)” (PARENTE, 2008, p. 53).

A pesquisa se constitui pelo exercício de teorizar, com os arquivos da *Cinemento*, o que nomeamos como *Cinema Escoleiro* e *Cinema Skholeiro*. Para tanto, partimos de dois pressupostos: o primeiro é pensar o *Cinema Escoleiro* como um conjunto das práticas e produções com o audiovisual já existentes nos cotidianos escolares, motivado tanto pela necessidade de uma documentação de cunho pedagógico, que contribua com a divulgação cultural e científica dos fazeres e dos saberes que constituem uma forma escola, quanto pelo encontro com as diversas linguagens, visibilizadoras e produtoras da diferença como potência, que inspire currículos constituintes de uma vida mais que vivível.

Entendemos que estas práticas e produções são atravessadas por relações entre saberes e poderes, o que torna importante compreendê-las a partir de regularidades e racionalidades nos modos de fazeres-saberes, que as situam em um campo que se constitui por táticas e estratégias pedagógicas, com orientação disciplinar e dimensões estéticas, políticas, éticas e poéticas.

Com efeito, para realizar esse exercício de compreensão, somos desafiados a superar a ideia de “poder” em termos negativos, para percebermos como ela produz as realidades e as verdades que afetam a produção das subjetividades de indivíduos, dos fazeres, dos saberes e dos conhecimentos (FOUCAULT, 2000).

Intuímos que o cinema nos ajuda nesse exercício quando, mais que representar o poder pelo poder, nos faz pensar com a infância, por exemplo, “as formas do conhecimento se fazer, as formas do mundo cuidar ou não das crianças, as formas de luto, as maneiras de as crianças inventarem e alterarem a comunidade em que vivem e as profanações infantis” que desnaturalizam a vida, inclusive as concepções de poderes e hierarquias (MIGLIORIM, 2015, p. 8).

O segundo pressuposto é o de pensar que o *Cinema Skholeiro* transborda do *Cinema Escoleiro* como um acontecimento intempestivo, que se deve ao fato da experimentação com o cinema criar, na escola, as condições para a instauração de um tempo de infância na infância de um tempo de vida, nomeado por Heráclito como *aión* (KOHAN, 2003).

Este acontecimento na escola – um espaço-tempo cuja nomeação deriva da palavra grega *skholé* (com sentido de “lazer”) – é a possibilidade da experiência do tempo livre, da ociosidade amorosa, em que as normatividades que regulam a vida (o capital, as religiões, as identidades etc.) são expostas, postas em suspensão e sob suspeição. Assim, quem sabe, reinventemos a nós e o mundo, superando as lógicas que produzem as desigualdades e um atoleiro de carências simuladas quando deixamos de compreender a diferença como potência.

Para chegarmos a inventar esses nomes e possíveis significados, vivenciamos muitas experiências empíricas e teóricas que envolvem cinema, educação e infância em escolas situadas na cidade do Rio de Janeiro, da Educação Infantil à Pós-graduação, seja como estudantes, como e com famílias e/ou como profissionais da educação.

Nossas ações incluíam a experimentação de ver e fazer cinema com bebês, crianças e adultos, o que gerou horas de filmagens e a edição de alguns filmes que foram exibidos nas sessões do cineclube da escola, em mostras de cinema e em eventos de educação.

Essa profusão de experimentações e de experiências nos provocaram a pensar sobre os encontros com o cinema na escola e nos levaram a definir como campo da pesquisa os arquivos da escola de cinema *Cinemento*.

Mergulhamos nos arquivos por diversas vezes, dando-lhes atenção e vendo surgir pressupostos e achados da pesquisa, inclusive as nomeações de *Cinema Escoleiro* e *Skholeiro*. Os filmes, que nos fazem pensar sobre o acontecimento de um cinema profanador do espaço-tempo escolar tradicional e do cinema hegemônico, foram escolhidos dentre aqueles cujas exhibições extrapolaram os muros da EEI-UFRJ.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender como e quando a escola, entendida como um dispositivo disciplinar, se transforma em uma locação de filmes possíveis.

O fizemos como um exercício filosófico, teorizando sobre o *Cinema Escoleiro* como uma tecnologia, cujas práticas são constituídas por táticas (meios) de saber, estratégias (fins)

de poder e procedimentos discursivos (FOUCAULT, 2017) e que, ao criar as condições para a instauração de um tempo de infância na escola, “devolve” a condição de infância às pessoas que se encontram em uma escola de Educação Infantil quando desorganiza a estrutura disciplinar e suspende as práticas escolarizantes, no acontecimento profano do *Cinema Skholeiro*, entendido como um contradispositivo (AGAMBEN, 2014).

Na pesquisa, esse tempo que restitui a condição de infância é a possibilidade de experimentação de uma escola como um dispositivo que, dentre muitos aspectos e idiossincrasias, também protege bebês e crianças das lógicas neoliberais que normatizam o processo educativo e insistem em fazer com que crianças sejam “alfabetizadas precocemente e antecipando-se todas as consequências desse processo de uma escolarização sem infância: fracasso escolar, racismo precoce, interdição do corpo, da brincadeira e da alegria” (ABRAMOWICZ, 2017, p. 15), por exemplo.

Ou ainda, um tempo e uma condição em que a infância se manifesta como potência e exposição e intensifica a educação pela relação pedagógica, como propõem Masschelein & Simons (2014).

A nós interessa montar uma ficção e, quem sabe, realizar a escola como um acontecimento intempestivo e de fruição de um tempo de infância, dissociado, inclusive, da noção etária, que nos revele um *dever-escola* pelas vidas e pelas mortes captadas pelas câmeras utilizadas por bebês, crianças e adultos que nela se encontram.

Buscamos na cartografia as bases para desenlear o emaranhado das linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação e de fuga que constituem a escola da infância e o cinema como *dispositivos*, o *Cinema Escoleiro* como uma tecnologia e o *Cinema Skholeiro* como um contradispositivo.

Então, partindo do pressuposto de que o *Cinema Escoleiro* cria as condições para um acontecimento intempestivo, que devolve o tempo de infância à escola, na invenção de um *Cinema Skholeiro*, e que também nos dá a ver uma dimensão de uma escola da infância, entendida como uma construção social moderna, atravessada pela complexidade de redes de saberes-poderes que produzem diferentes imagens e práticas, inclusive as pedagógicas<sup>[5]</sup>, e constituída por linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação e de fuga que se entrecruzam e se misturam, nos perguntamos: como e/ou quando o *cinema skholeiro* acontece? Quais são as táticas (meios) e as estratégias (fins) constituem o conjunto de experimentações com o cinema na escola, caracterizando o *cinema escoleiro*? Qual escola da infância o *cinema skholeiro* nos provoca a pensar?

A pesquisa nos trás como reflexão que estas perguntas estarão colocadas de maneira contínua para nós que entendemos que *Cinema Skholeiro* é um acontecimento e que, por essa característica, é uma experiência da diferença no espaço-tempo escolar, demonstrando que um *dever* está sempre colocado como possibilidade de criar formas de ver e de existir em um mundo provisório, mais que vivível e nada fascista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete. Introdução. In: ABRAMOWICZ, Anete; TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos (Org.). *Infância e pós-estruturalismo*. São Paulo: Porto de Idéias, 2017. p. 15-26.

AGAMBEN, G. O que é dispositivo. In: AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? & O amigo*. Chapecó: Argos, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FRESQUET, Adriana. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber*. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. Roberto Machado (org.).

KOHAN, Walter. *Infância. Entre Educação e Filosofia*. Belo Horizonte: autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: ABRAMOWICZ, Anete; TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos (Org.). *Infância e pós-estruturalismo*. São Paulo: Porto de Idéias, 2017. p. 11-14.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *A pedagogia, a democracia, a escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MIGLIORIN, Cezar. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

PARENTE, André. *Cinema de exposição: o dispositivo em contra/campo*. In: *Revista Poiésis*, n. 12, p. 51-63, nov. 2008.

[1] Frase retirada do caderno de campo.

[2] A integração da Educação Básica na UFRJ se formalizou em 18/06/19, quando aconteceu a sessão especial do Conselho Universitário, que aprovou por unanimidade a mudança estatutária da UFRJ para unificar a Escola de Educação Infantil (EEI) e o Colégio de Aplicação (CAp). Nossa pesquisa focaliza a existência da escola de cinema *Cinemento* no tempo em que essa unificação ainda não havia ocorrido e por isso nos referimos à Escola de Educação Infantil da Universidade Federal do Rio de Janeiro – EEI-UFRJ.

[3] O grupo CINEAD, do Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual – LECAV, reúne ações de ensino, pesquisa e extensão universitária, relacionando essas três instâncias em diálogo com todos os segmentos da educação formal e em diversos ambientes de educação informal.

[4] A letra “e” e a letra “u” são desinências nominais utilizadas para produzir uma linguagem neutra que inclua pessoas que não se reconhecem na norma binária de gênero. O debate sobre a linguagem neutra está acontecendo e, por enquanto, não há registro de formalização das possíveis formas de utilizá-la.

[5] Tanto as imagens quanto as práticas pedagógicas são pensadas na pesquisa a partir de diferentes olhares, mas com uma significativa contribuição de Masschelein e Simons ([2003] 2014), quando diferenciam o que é *o regime pedagógico* ou *a pedagogia* do que é *o pedagógico* e, conseqüentemente, diferenciam aluno e a infância. Os autores nos convidam a suspeitar da *pedagogia* que focaliza a “identidade do aluno consigo mesmo”, entendida como aquilo que lhe é entregue “como inteligibilidade”, como “tudo o que o representa na ordem da realidade e da compreensão”, e que o surgimento da infância possibilita que ele rompa e supere essa condição ensimesmada e abre “espaço para o pedagógico, cujo desafio é a indeterminação e o futuro (p. 34).